

O DISCURSO DAS PROFESSORAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL ACERCA DAS FAMÍLIAS DOS ALUNOS: PROBLEMATIZAÇÕES

VANESSA BUGS GONÇALVES¹; JARBAS SANTOS VIEIRA²

¹*Universidade Federal de Pelotas – vanessabugsgoncalves@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – jarbas.vieira@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo analisar o discurso das professoras¹ acerca das famílias dos alunos e sobre os próprios alunos de Educação Infantil, a fim de identificar como são percebidas no que se refere à educação das crianças. Quanto ao referencial teórico, utilizou-se Sayão e Aquino (2004), Aquino (2014) e Garcia (2002). Valendo-me de Aquino entendo que “os profissionais da educação tornaram-se excessivamente preocupados com demandas que não nascem de seu ofício propriamente, mas que são fagocitadas do universo psicológico” (2004, p.27). Essa afirmação implica dizer que há no contexto educacional estudado uma busca pela essência, pela maneira correta de ser família, de ser aluno e de viver o cotidiano escolar. Com isso, intenta-se ponderar acerca desse ideal produzido pelo discurso das professoras, problematizando a ideia de família e aluno universal.

2. METODOLOGIA

As análises foram feitas a partir de nove entrevistas semiestruturadas realizadas com professoras de Educação Infantil sobre o processo de trabalho nessa etapa da educação básica. Para esse trabalho extraiu-se apenas o discurso sobre as famílias e os alunos, identificando os entendimentos que as professoras têm sobre eles no que diz respeito ao processo educativo. A pesquisa, em sua etapa qualitativa, desenvolveu-se em nove cidades da região sul do Rio Grande do Sul. As professoras foram identificadas por letras. Buscou-se nos discursos elementos que indicassem como as professoras entendem a educação das famílias em relação aos alunos das escolas de Educação Infantil.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após análise das nove entrevistas, identifica-se que o discurso das professoras em relação às famílias é, em geral, moralizante. As entrevistadas, ao se

¹ Este estudo faz parte de uma pesquisa mais ampla intitulada Trabalho e Saúde das professoras de Educação Infantil das Escolas Públicas Municipais da Região Sul do Rio Grande do Sul (2014-2016), coordenada pelo professora Jarbas Vieira (UFPel). O objetivo do estudo foi analisar a relação entre a saúde e o processo de trabalho desenvolvido pelas professoras que atuam nas Escolas Municipais de Educação Infantil (EMEIs) de 16 cidades de abrangência da 5ª Coordenadoria Regional de Educação do Estado do Rio Grande do Sul. Tratou-se do desdobramento de duas pesquisas já desenvolvidas sobre a relação entre trabalho docente e saúde do professorado.

referirem à família, indicam que ela não sabe educar, pois o aluno está sem limites na escola e, segundo as professoras, é porque os pais acobertam um problema ao invés de resolvê-lo na imparcialidade. Há no conjunto das entrevistas uma ênfase na falta de limites, indicando muito pouco o que seria um comportamento típico da falta de limites, porém dá a entender que se refere a uma agitação e uma incongruência do que se espera de um aluno. Dizem, ainda, que seus papéis de professora estão desenvolvendo, e, além disso, fazendo uma função que não seria delas, mas das famílias, como, por exemplo, ensinar a comer e a sentar à mesa. Salientam que os pais não tem o controle que tinham antigamente e, por isso, as crianças estariam cada vez mais agitadas, sem limites, tornando difícil o processo educativo nas escolas. Valendo-me de Aquino, entendo que essa queixa pode ser vista como efeito de uma crença dos professores “sobre a complexidade dita crescente do ofício de educar nos tempos atuais, redundando em um refrão que prega a existência de uma acentuada crise escolar vitorizada pelos conflitos entre seus protagonistas” (2014, p.107).

De acordo com uma entrevistada, esse incontrole por parte das famílias, atualmente, se justificaria pela geração dos pais “que dedicam menos tempo aos filhos, então as crianças são um pouco criadas pelas avós, pelas tias, por babás, pessoas que não tem uma orientação certa pra eles” (PROFESSORA C). Por essa razão, continua a professora, os alunos estão “um pouco mais agressivos (...) e isso indica mais trabalho [para as professoras], pois precisam fazer um trabalho de socialização, [já que] tem crianças muito agressivas”.

Outro aspecto que evidencia o caráter moralizante atribuído às famílias é de que há uma espécie de culpabilização às mães em relação à educação dos filhos, pois se referem à conduta delas como potencializadoras do comportamento – agitado – dos filhos na escola. Há uma crítica em relação à vida amorosa das mães e de que seus muitos relacionamentos implicariam numa crise de identidade da criança, pois “elas [mães] trocam muito de namorado, um dia é um, outro dia é outro, e as crianças não tem uma identidade (...) essa identidade é construída na escola” (PROFESSORA C). Dessa forma, afirmam que a escola assume todos os compromissos em relação à educação dessas crianças.

Para outra entrevistada ela deixou de ser professora e virou babá das crianças, pois estaria fazendo um trabalho que julga não ser sua atribuição. Para ela, as crianças estão aprendendo cada vez menos, pois a família não estaria fazendo sua função básica e, por isso, restaria às escolas realizar uma função que não é sua, como diz a entrevistada: “as quatro horas que eu passo com eles eu fico educando-os” (PROFESSORA F), dando a entender não ser sua função educar, pois atribuiu viés negativo quando disse passar quatro horas educando os alunos. Para a entrevistada “o professor não faz mais o que estudou pra fazer”. Ressalta que estudou cinco anos, especializou-se e fez pós-graduação, mas decidiu parar, pois, segundo ela “eu vi que virei babá” (PROFESSORA F).

Aquino e Sayão (2004) consideram que se atribui, em grande parte, às famílias a causa dos problemas envolvendo os alunos. Detendo-se um pouco mais na relação que a escola estabelece com a família, Sayão faz uma crítica contundente sobre isso. Para ela parece que o que a escola quer “é tornar-se a segunda família de seus alunos. Não é à toa que o professor adora quando o aluno vem e o abraça, beija, expressa afeto amoroso. É assim que o professor se sente reconhecido” (p.62) e “querendo ser família, a escola deixa de ser escola” (p.63). Atribui-se às famílias as causas dos problemas, das indisciplinas, da falta de limites.

O discurso das professoras parece estar ancorado naquilo que Garcia (2002, p.21) analisa acerca dos discursos pedagógico-críticos:

São discursos que tanto propõem problematizações morais da ordem social, de como a ordem social deve e deveria ser tendo por fundamento determinados princípios e valores morais, que se relacionam consigo mesmos e uns com os outros de um modo moral e com certa representação moral da sociedade. Os indivíduos serão mais ou menos (auto) conscientes e (auto) críticos, mais ou menos ingênuos ou alienados, segundo sua maior ou menor adesão a determinadas leituras do mundo social e projetos políticos específicos. São discursos que propõem certas formas de experiência de si (as relações que o indivíduo deve ter consigo mesmo) e de experiência com os outros.

Há um consentimento por parte das professoras entrevistadas de que existe um modo ideal de vida e, *certamente*, não é o modo como as famílias levam as vidas. O modo correto de educar uma criança é de acordo com seus preceitos e a forma como a família tem cuidado das crianças está produzindo a agitação e a falta de limites em sala de aula. O discurso das professoras atribui omissão das famílias em relação à educação das crianças; essa falta de base familiar produz uma sala de aula agitada, influindo de forma negativa no ambiente escolar e, claro, na vida dos alunos e professores.

4. CONCLUSÕES

O aluno e a família ideal são desenhados e pensados pela escola com características específicas. Buscam-se perfis que correspondam às expectativas da escola e, com isso, acabam produzindo o aluno sem limites e a família desestruturada. A escola, ao idealizar determinado tipo de aluno, produz o aluno sem limites, pois ao subverter a racionalidade e a previsibilidade imposta na escola, é tido como mau aluno e a família, ao fugir dos seus moldes, é tida como desestruturada. Além disso, conclui-se que esses problemas podem produzir também um sentimento de impotência por parte das professoras, por achar que lhes cabe todas as tarefas e de que elas, sozinhas, resolverão essas demandas, consideradas por elas como problemas, que permeiam às escolas, os alunos e às famílias.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUINO, J. G. **Da autoridade pedagógica à amizade intelectual: uma plataforma para o éthos docente.** São Paulo: Cortez, 2014.

GARCIA, M. M. A. **Pedagogias críticas e subjetivação: uma perspectiva foucaultiana.** Petrópolis: Vozes, 2002.

SAYÃO, R; AQUINO, J. G. **Em defesa da escola.** São Paulo: Papirus, 2004.